



HARMONIA FUNCIONAL para músicos & curiosos

Ticiano D'Amore

 *Recheado de exemplos em áudio e exercícios!*





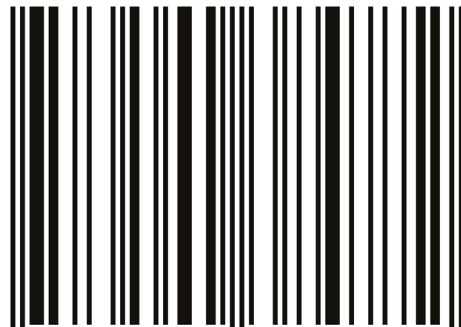
PRÉVIA

Design: Amanda Marques

Revisão: Lipe Tavares

ISBN: 978-65-00-38477-2

BR



9 786500 384772



Dedicado a Manoca Barreto

SUMÁRIO



CAPÍTULO 1: NOÇÕES BÁSICAS DE TEORIA MUSICAL	7
1.1 Harmonia? Funcional???	7
1.2 Partitura (por favor, não!)	8
1.3 Intervalos	10
1.4 Cifras	11
1.5 Tríades	13
1.6 Tétrades	15
CAPÍTULO 2: O TOM MAIOR	19
2.1 Harmonização em tríades	19
2.2 O relativo	21
2.3 Armaduras	22
2.4 Harmonização em tétrades	23
2.5 Primeiras Análises	24
2.6 Áreas	28
2.7 Enriquecendo os graus com tensões	31
2.8 Modulação	41

CAPÍTULO 3: O TOM MENOR	42
3.1 Escala menor natural	42
3.2 Escala menor harmônica	43
3.3 Escala menor melódica	45
3.4 Finalmente os acordes do tom menor	46
3.5 Áreas do tom menor	47
3.6 Cuidados com a melodia	47
3.7 Analisando músicas em tom menor	48
CAPÍTULO 4: ACORDES DE FORA DO TOM CENTRAL	50
4.1 Dominantes secundários	50
4.2 Dominantes substitutos (sub V7)	54
4.3 Alterações de dominantes	56
4.4 Empréstimos do dominante, subdominante e homônimo menor natural	59
CAPÍTULO 5: ACORDES DIMINUTOS	64
5.1 Funções	64
5.2 Escalas diminutas	65
MÚSICAS PARA ANALISAR E REARMONIZAR	68
RESPOSTAS	71



Sejam muito bem vindos ao curso **Harmonia Funcional para Músicos & Curiosos!** Um material teórico, mas com possibilidades de aplicações práticas, imediatas e de simples compreensão que preparei com muito carinho porque acredito fortemente que o conhecimento básico de harmonia nos ajuda em diversos campos do fazer musical. Entender harmonicamente a música te possibilita: improvisar com propriedade; compor de forma mais interessante; fazer arranjos rebuscados de músicas existentes; passar esse conhecimento adiante (se você é ou deseja se tornar um professor); e principalmente, ter a satisfação de saber exatamente o que está acontecendo com a música que nos permeia.

Busquei simplificar a linguagem e abordar apenas um conteúdo que julgo essencial sobre harmonia funcional para atingir tanto músicos profissionais quanto amadores e curiosos sobre o assunto. Reuni essas informações depois de ter acumulado mais de quinze anos de docência na disciplina Harmonia Funcional junto à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na qual sou lotado. Enquanto ainda era aluno da instituição, tive a sorte de contar com os ensinamentos do saudoso e dedicado professor Manoca Barreto, ao qual sempre serei grato. Acrescento a isso meus estudos com autores de referência como Ian Guest, Almir Chediak, Nelson Faria e Turi Collura.

Para ter a experiência completa deste livro, aconselho ter conexão com a internet, uma vez que muitos exemplos possuem links externos de áudios. Desejo a todos uma excelente experiência musical e contem comigo.

Ticiano D'Amore



CAPÍTULO 1:

NOÇÕES BÁSICAS DE TEORIA MUSICAL



Neste capítulo vamos visitar conceitos e teorias básicas fundamentais para o acompanhamento do conteúdo do curso. Tais conceitos norteiam tudo o que será abordado posteriormente e necessitam estar minimamente internalizados. Isso não significa que eu espero que você decore essas informações, mas que as entenda e saiba onde consultar caso alguma dúvida surja.

1.1 Harmonia? Funcional???

Um curso de harmonia funcional começa com duas palavras que parecem complicadas em suas definições. O que é *harmonia* e como ela pode ser *funcional*? Vamos por partes: para entender o conceito de *harmonia*, primeiro temos que entender e diferenciar *nota* de *acorde*, assim como compreender e definir *escala* e *tonalidade*.

Nota é um som único, individual. *Dó, mi bemol e lá sustenido* são exemplos de notas, desde que sejam executadas isoladamente. Acordes por sua vez são formados por no mínimo *três* notas. Quando escutamos, por exemplo, as notas *dó, mi e sol* tocadas *ao mesmo tempo*, estamos escutando o *acorde de dó maior*.

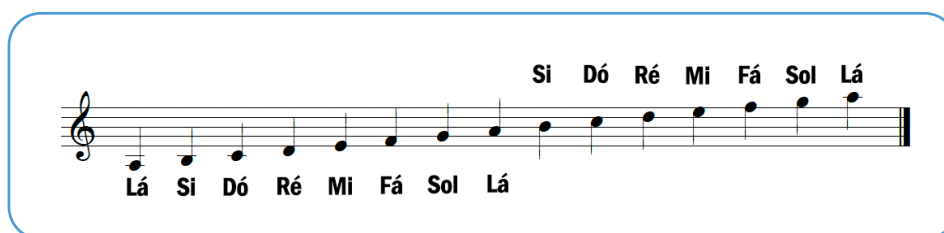
Um acorde pode ou não estar dentro de uma tonalidade, ou um tom. Para estar dentro de um tom, ele precisa obedecer algumas condições estabelecidas pela escala que pertence a esse tom. Escala é um conjunto de notas em uma sequência estabelecida e ordenada. A sequência de notas *dó, ré, mi, fá, sol, lá e si* corresponde à escala de *dó maior*, por exemplo. Se utilizarmos as notas da escala de uma tonalidade para formar *acordes* respeitando alguns critérios, teremos acordes que pertencem a essa tonalidade. Os acordes de uma tonalidade são representados por graus escritos em algarismos romanos (ex. I, IV, V).

Através do entendimento de nota, acorde, escala e tonalidade, podemos compreender o conceito de *harmonia funcional*. Apesar de podermos beber de uma definição mais complexa, na prática e para fins desse curso, *harmonia* pode ser definida como o *campo do saber musical que mostra as relações*

e encadeamentos de acordes dentro de um sistema tonal. A chamamos de *funcional* por que em seu campo de estudo conseguimos entender a *função* (ou papel) que cada nota e acorde têm nas músicas do mundo. Mais adiante nos depararemos com exemplos dessas funções como *dominantes*, *subdominantes*, *substitutos de dominantes*, *diminutos cromáticos*, *empréstimos do homônimo menor* entre tantas outras.

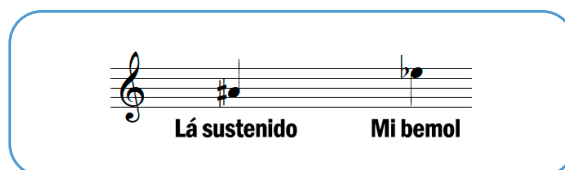
1.2 Partitura (por favor, não!)

Nesse curso vou exprimir o conteúdo de grafia musical através de partituras e cifras. Apesar de assustadora para os mais leigos, a partitura é de fato a forma mais segura e concreta de se passar uma informação musical para alguém. Mas, como tenho o intuito de atingir a maior quantidade de pessoas, leigas, curiosas ou profissionais, vou tentar me limitar apenas ao básico de seu uso. No tocante a esse curso, basta que se saiba localizar as notas musicais dentro do pentagrama, na clave de sol.



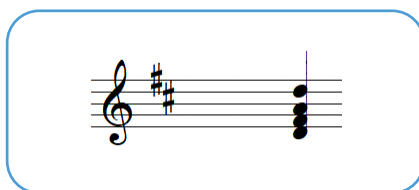
A imagem acima mostra um pentagrama (figura representada pelas cinco linhas horizontais) regida pela clave de sol (figura bonita situada à esquerda da imagem) onde várias notas estão alocadas.

Sustenidos (#) e bemóis (b) são chamados de *acidentes*, e respectivamente alteram a altura da nota em um semitom acima e abaixo. A imagem abaixo ilustra como são dispostas essas alterações na partitura.



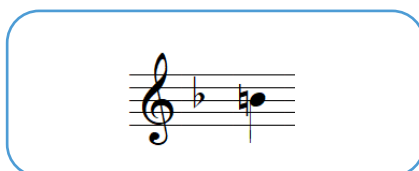
Obs. Apesar de, por exemplo, um *ré#* ter o mesmo som de um *mib*, eles são funcionalmente diferentes. Isso será melhor explicado no decorrer do curso.

Quando um sustenido ou bemol aparecem logo após a clave, são chamados de **armadura**, e indicam que essa alteração será feita em todas as notas de mesmo nome do local onde o acidente está localizado.



Essa figura indica que todas as notas *fá* e *dó* serão sustenizadas enquanto esses acidentes estiverem ao lado da clave, mesmo que essas notas se encontrem em outra região. Portanto, as notas na imagem são, de baixo pra cima, *ré*, *fá sustenido*, *lá* e *ré*, e formam o acorde de *ré maior*. No próximo capítulo o conceito de armadura será abordado mais detalhadamente.

Obs. Caso em algum momento eu queira desobedecer um acidente que consta na armadura e queira colocar uma nota natural (que não tenha sustenido ou bemol) basta eu utilizar o *bequadro* (♮) antes da nota, conforme consta na próxima imagem.

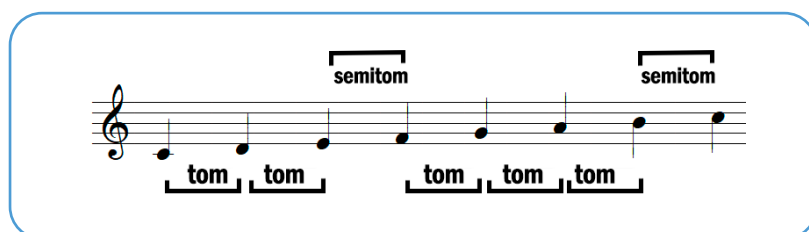


Nesse caso a armadura implica que todas as notas *si* serão bemóis, mas o bequadro ao lado da nota indica que esse *si*, particularmente, é natural.

As demais grafias e situações que envolvam registro em partitura serão explicadas no decorrer do curso.

1.3 Intervalos

Quando temos duas notas distintas, sejam simultâneas ou em sequência, é importante saber qual a distância entre tais notas, ou seja, qual o intervalo entre elas. Em uma escala maior, por exemplo, as notas formam intervalos ou de um semitom (menor distância entre duas notas na música ocidental) ou de um tom (que equivale a dois semitons).



Mas para abranger a totalidade da oitava musical, onde estão as doze possibilidades de notas musicais, usamos as seguintes definições de intervalos:

Segunda menor (b2) – um semitom (ou meio tom)

Segunda maior (2) – um tom

Terça menor (b3) – um tom + um semitom (ou um tom e meio)

Terça maior (3) – dois tons

Quarta justa (4) – dois tons + um semitom

Quarta aumentada (#4) ou quinta diminuta (b5) – três tons (ou trítono)

Quinta justa (5) – três tons + um semitom

Quinta aumentada (#5) ou sexta menor (b6) – quatro tons

Sexta maior (6) – quatro tons + um semitom

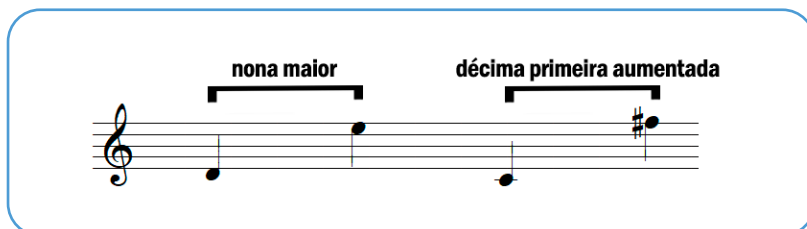
Sétima menor (7) – cinco tons

Sétima maior (7M) – cinco tons + um semitom

Chama-se *oitava*, o intervalo de um semitom acima da sétima maior, formado por notas com o mesmo nome e separadas por seis tons (ou 12 semitons) de diferença.



Intervalos maiores que uma oitava (chamados de *intervalos compostos*) também podem existir e basicamente seguem a mesma sequência. Conforme visto, um intervalo entre a nota *dó* e a nota *ré* na mesma oitava é de um tom, ou segunda maior. Já se a nota *ré* estiver uma oitava acima, teremos o intervalo de *nona maior*, uma vez que passamos de uma oitava de distância entre essas notas. Na prática da harmonia funcional, usaremos apenas os intervalos compostos de nona (segunda oitavada), décima primeira (quarta oitavada) e décima terceira (sexta oitavada).



1.4 Cifras

Durante a maior parte deste curso utilizaremos o processo de cifragem para registrar acordes. Na cifragem, as três notas principais dos acordes (chamadas de tríades) são representadas por letras do alfabeto, conforme consta a seguir.

Lá	Si	Dó	Ré	Mi	Fá	Sol
A	B	C	D	E	F	G

A tríade maior é formada apenas pela letra, já a tríade menor acompanha um “m” minúsculo diretamente à sua direita.

- **Ex:** F (fá maior), Am (lá menor), Gm (sol menor). O conceito de tríades maiores e menores será explicado no próximo item.

A ordem que a cifra geralmente segue é a seguinte:

TRÍADE, SÉTIMA, DEMAIS NOTAS ENTRE PARÊNTESES

- **Ex:** Am (lá menor), Am7 (lá menor com sétima), A7(13) (lá maior com sétima e décima terceira).

Porém, quando o acorde não tem sétima, pode-se encontrar outras notas fora do parêntesis.

- **Ex:** F6 (fá com sexta).

Em relação às sétimas, ao contrário do que se espera, o número 7, quando indicado em uma cifra, significa SÉTIMA MENOR, meio tom abaixo de uma sétima maior. A sétima maior encontra-se na cifra popular representada pelas seguintes formas: **7M, Maj7 ou ▲**.

Um acorde com sétima menor é chamado apenas de acorde com sétima.

- **Ex:** F7M (fá com sétima maior), Dbm7 (ré bemol menor com sétima menor, ou apenas ré bemol menor com sétima).

As demais notas de um acorde (as que não compõem a tríade ou a sétima) podem estar acompanhadas por alterações (b ou #). Isso indica decréscimo ou acréscimo de um semi-tom na nota encontrada. Tais alterações encontram-se ANTES da dissonância em questão.

- **Ex:** A7(b9), G7(#11).

Outras grafias e situações que envolvam registro em cifras serão explicadas no decorrer do curso.

1.5 Tríades

Tríades são acordes com três sons. Os quatro tipos de tríades mais comuns são:

Maior - formada pela nota fundamental (ou tônica), uma terça maior em relação à tônica e uma quinta justa em relação à tônica.

- **Ex de cifragem:** F, C.

Menor - formada pela nota fundamental (ou tônica), uma terça menor em relação à tônica e uma quinta justa em relação à tônica.

- **Ex de cifragem:** Fm, C-.

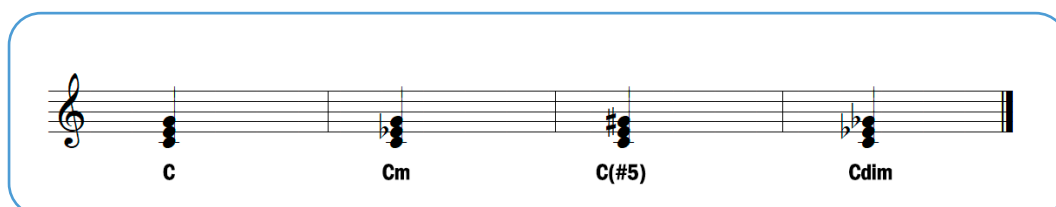
Aumentada - formada pela nota fundamental (ou tônica), uma terça maior em relação à tônica e uma quinta aumentada em relação à tônica.

- **Ex de cifragem:** F(#5), C+.

Diminuta - formada pela nota fundamental (ou tônica), uma terça menor em relação à tônica e uma quinta diminuta em relação à tônica.

- **Ex de cifragem:** Fdim, Cdim.

A próxima imagem mostra exemplos dos quatro tipos de tríades.



Escute cada uma das tríades do trecho acima (áudio 01):

https://youtu.be/End1Wrabc_8

Obs. Os links para escutar os áudios presentes neste curso direcionam você para páginas do YouTube. Caso algum link esteja corrompido ou não abra, por favor entre em contato comigo através do damoreticiano@gmail.com.

FIM DA PRÉVIA